

**“SUTILEZAS DE SATANÁS”: A cruzada antigênero da Assembleia de Deus às
vésperas da eleição**

Eixo Temático 28 – Ofensivas antigênero: atores, dinâmicas e políticas

Rodrigo Pelegrini Ratier ¹

RESUMO

O presente texto, de caráter ensaístico e elaborado com base em apuração jornalística para reportagem publicada no portal UOL, analisa a obra escolhida para ser abordada na escola dominical da pentecostal Assembleia de Deus no 3º trimestre de 2022: *Os Ataques contra a Igreja de Cristo*, do Pastor José Gonçalves. Aponta-se como na obra o relacionamento pré-conjugal, extraconjugal e homossexual são vistos como práticas “que distorcem o propósito de Deus”. Evidencia-se como o texto, apoiado pelo livro “do professor”, trabalha no sentido de incutir pânico moral e sensação de ameaça permanente nos fiéis. Hipotetiza-se a possível ligação da escolha da obra e do período para coincidir com as eleições presidenciais de 2022, de modo a favorecer o discurso reacionário de Jair Bolsonaro.

Palavras-chave: Assembleia de Deus; gênero, homossexualidade, Bolsonaro, Bíblia.

INTRODUÇÃO

Maior denominação cristã evangélica pentecostal protestante do mundo, com cerca de 69 milhões de fiéis mundo afora – 12 milhões deles no Brasil –, a Assembleia de Deus (AD) parece ter escolhido a dedo a obra que pautaria os estudos das escolas dominicais no 2º trimestre de 2022. Trata-se de *Os Ataques Contra a Igreja de Cristo*, de autoria do pastor José Gonçalves. Definindo-se como pastor assembleísta em Água Branca (PI), escritor e articulista. Gonçalves produz uma obra que mostra uma igreja

¹ Doutor em Educação pela FEUSP, professor doutor de jornalismo no Departamento de Jornalismo e Editoração da Escola de Comunicações e Artes (ECA) da Universidade de São Paulo (USP-SP), rratier@usp.br

supostamente “sob ataque de Satanás”. Tais ações seriam “sutis e perspicazes” e envolveriam “12 lições”: contra a igreja de Cristo; a banalização da graça; a imoralidade sexual; a normalização do divórcio; o materialismo e o ateísmo; as ideologias contrárias à família; a relativização da Bíblia; o enfraquecimento da identidade pentecostal; o movimento dos desigrejados; a prática da mordomia cristã; as mídias sociais e a espiritualidade holística. Uma 13ª lição envolve providências para “resistir às sutilezas de Satanás”.

A lista de temas e as estratégias discursivas evocam posicionamentos reacionários externados pelo presidente e candidato à reeleição Jair Bolsonaro. Em 9 de julho de 2022, durante a Marcha para Jesus, tradicional evento evangélico nas ruas de São Paulo, Bolsonaro evocou a “guerra do bem contra o mal” e condenou “as dores do socialismo”. Abordou ainda, como de praxe, o que se convencionou chamar de pauta de costumes: “Temos uma posição aqui: somos contra o aborto, contra a ideologia de gênero, contra a liberação das drogas e somos defensores da família brasileira” (BALLOUSIER; OLIVEIRA; PESCARINI, 2022, online).

Não se pretende aqui estabelecer inequívoca relação causal entre o uso da obra na escola dominical das ADs e a proximidade das eleições. Este texto, de caráter ensaístico e exploratório, busca apontar mensagens, em termos de forma e conteúdo, veiculadas pelo livro de estudo e pelo apoio Lições Bíblicas – livro do professor. Por meio de entrevistas com três pastores autodeclarados “progressistas” para a realização de uma reportagem publicada no portal UOL, que metodologicamente nos auxiliam no trabalho intelectual de reflexão, pretende-se contextualizar a natureza das mensagens e problematizar eventuais implicações eleitorais. O foco de nossa análise será a lição 3 – “A sutileza da imoralidade sexual”.

DISCUSSÃO E ANÁLISE

A imagem de capa é bastante pouco sutil (*figura 1*): com um escudo apoiado por um dos braços, o que parece ser um cavaleiro medieval se defende de quatro flechas flamejantes que buscavam alvejá-lo. Abaixo da imagem, título e subtítulo completam significado pretendido: “OS ATAQUES CONTRA A IGREJA DE JESUS CRISTO – As Sutilezas de Satanás nestes Duas que Antecedem a Volta de Jesus Cristo” (caixa alta no original).

Figura 1 – capa do livro



Se o tom do livro, apressa-se em esclarecer que as armas do ataque hoje são outras, mais “sutis”. Diz o livro do professor, uma espécie de versão microeditada e carregada nas tintas da obra original de Gonçalves:

“Se em anos passados as perseguições e conflitos bélicos eram os instrumentos usados, hoje isso acontece de forma muito mais sutil. Elas ocorrem, por exemplo, com a normalização de comportamentos e práticas contrárias à fé cristã.” (SEM AUTOR, 2022, P. 5).

Nesse contexto, caberia a cada professor das escolas dominicais:

“I) Mostrar que a Igreja está sob ataque de Satanás; II) Descrever a natureza do ataque; III) Elencar as esferas do ataque; IV) Pontuar os instrumentos de proteção da Igreja. Conscientize os alunos a respeito da importância de o cristão estar vigilante nestes últimos dias. É preciso cuidar da vida espiritual, lendo a Palavra de Deus de maneira

disciplinada e cultivar uma vida de oração e jejum. As nossas armas são espirituais.”

(SEM AUTOR, 2022, p. 4)

Mais do que os próprios cultos, a Escola Bíblica Dominical (EBD) é o principal *locus* de doutrinação dos fiéis. Apenas na Convenção Geral das Assembleias de Deus (CGADB), maior convenção nacional das Assembleias de Deus do Brasil, estima-se que haja entre 5 a 7 milhões de pessoas com idade para votar. Costumeiramente, a CPAD (Casa Publicadora das Assembleias de Deus) imprime milhões de revistas todo trimestre para a EBD.

A denominada “ideologia de gênero” seria uma das artimanhas a serviço da “desconstrução da moralidade cristã” (GONÇALVES, 2022, p. 5). O binarismo, aqui, opõe o paradigma “judaico-cristão” e o “pós-moderno”. A questão do aborto saiu da esfera das “meras reivindicações para se tornar realidade em muitos lugares”; o modelo da família nuclear está sendo substituído por outro em que “não existe nem macho nem fêmea” e “a forma como os cristãos sempre entenderam como deve ser expressa a sexualidade é totalmente subvertida” (idem, p. 5 e 6). Os termos são fortes: “temos, portanto, uma guerra cultural, moral e espiritual” (idem, p. 5).

Conforme antecipamos, a cruzada antigênero atinge cume no capítulo 3 (ou lição 3, no livro do professor): “A Sutileza da Imoralidade Sexual”. O decaimento “mundano” aparece já no texto de abertura:

“A ideia de que o sexo era algo sagrado para ser experienciado somente na esfera do casamento, como definia a moral cristã, passou a ser duramente contestada. Cada vez mais, práticas que fugiam da forma tradicional de expressar a sexualidade ganharam aprovação popular. O sexo livre, praticado fora da esfera do casamento, e a infidelidade conjugal tornaram-se práticas cada vez mais normais dentro desse novo paradigma cultural” (GONÇALVES, 2022, p. 30).

Gonçalves reputa ao advento da revolução sexual dos anos 1960 os males da “fornicação” (“um número cada vez maior de jovens cristãos pratica intercurso sexual muito antes de subirem ao altar”), o “adultério” (“o adultério anda à espreita. Possivelmente em nenhum momento da história foi tão fácil construir uma relação extraconjugal como agora”) e a homossexualidade.

Sobre esse tema, o autor apresenta a tese de que o “determinismo biológico” da homossexualidade não passaria de “ideologia”. Apresentando o controverso livro *Eros: the myth of ancient greek sexuality*, do escritor conservador Bruce S. Thornton – que

Gonçalves classifica como “uma das mais respeitadas autoridades em literatura grega antiga” – e de John SH Tay, decano da Faculdade de Estudos Bíblicos na Universidade Internacional de Betânia – ou “um geneticista com dois doutorados em genética”, nas palavras do autor –, o capítulo procura refutar a influência genética sobre a homossexualidade. Assim, “a falta de comprovação científica para o determinismo biológico da homossexualidade favorece o entendimento de que ela é uma *preferência adquirida*” (GONÇALVES, 2022, p. 40, itálico no original).

Mesmo sem explicitar, há a defesa do que se convencionou chamar de “cura gay”, com especial atenção às “recaídas”. A argumentação não prescinde da exegese bíblica:

“Que Deus pode transformar a vida de uma pessoa é uma verdade bíblica incontestável (1 Co 6.9-11; 2 Co 5.17). Contudo, todo comportamento envolve hábitos que por sua vez produzem condicionamentos. Dessa forma, um comportamento ou uma preferência adquirida (no caso de um homossexual) está muitas vezes bem enraizada e a possibilidade de retornar à antiga forma de viver é uma possibilidade real. Isso não é incomum acontecer. Vez por outra a mídia noticia que celebridades que haviam declarado ter abandonado a prática homossexual retornaram novamente as [sic.] práticas anteriores.” (GONÇALVES, 2022, p. 40-41).

Na transposição didática da obra de Gonçalves, merece atenção a publicação “livro do professor” (*figura 2*). Trata-se de um pequeno caderno de orientações aos líderes de sala das EBDs. O formato é típico de livro didático escolar, com textos microeditados, palavras-chave, aspas de destaque em letras maiores (como “os cristãos conservadores entendem que a reprovação da prática homossexual se dá por conta de estar ser contrária a [sic.] ordem natural da criação, conforme registrada na Bíblia” (SEM AUTOR, p. 21), sinopses (como “o relacionamento pré-conjugal, extraconjugal e homossexual é uma prática que distorce o propósito de Deus”) e até mesmo questões de fixação sobre o tema, sob a rubrica “revisando o conteúdo”. A título de exemplo, consideremos o seguinte conjunto de pergunta e resposta na lição 3:

“4- Como o cristão compreende a homossexualidade?”

Os cristãos conservadores, que têm na Bíblia sua única regra de fé, compreendem a homossexualidade como um comportamento adquirido e não como um determinismo biológico.”



VIII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade

IV Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade

IV Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero,

SINOPSE II

O relacionamento pré-conjugal, extracônjugal e homossexual é uma prática que distorce o propósito de Deus.

AUXÍLIO APOLOGÉTICO

UMA GRANDE CONTRADIÇÃO

"Tim Wilkins viveu por muitos anos como homossexual, mas agora está casado com uma mulher e tem filhos. 'Se Deus criou algumas pessoas gays', diz ele, então 'Deus está fazendo um jogo cruel com elas. Ele projeta as mentes e emoções para a atração pelo mesmo sexo, mas criou a sua fisiologia em oposição direta à essa atração'. Não podemos ser pessoas completas quando as nossas emoções não entram em sintonia com a nossa fisiologia. O ideal é a integração – a harmonia entre as nossas identidades sexuais e psicológicas" (PARACEY, Nancy Ann. *O teu Criador: Conhecendo o criador que preparou o ser humano criado à imagem de Deus*. Lond. Rio de Janeiro: CMAJ, 2022, p.175).

III – O PADRÃO BÍBLICO PARA UMA SEXUALIDADE SÁDIA

1. O sexo atende uma necessidade da criação. Uma das principais razões da prática sexual está associada à procriação. Deus disse para o primeiro casal se multiplicar e encher a terra (Gn 1.28). Sem a procriação, não haveria a perpetuação da espécie humana. O sexo, portanto, atende a uma necessidade primária da criação.

2. O sexo como complementação e satisfação. Além da procriação, o sexo

deve atender à necessidade de complementação e satisfação. A Bíblia não condena a prática sexual quando ela é experimentada dentro dos limites que o Criador estipulou: o casamento (Mt 19.5). A maneira que o Criador deixou para guardar o casal contra suas mais diferentes formas de impureza, como a fornicação, o adultério e a homossexualidade, foi o sexo praticado dentro da esfera do casamento monogâmico e heterossexual. Contudo, convém dizer que o sexo no casamento não deve ser visto como um fardo, mas como um espaço no qual um se complementa no outro. Também não deve ser visto apenas como um dever ou obrigação a ser praticado de forma mecânica e sem amor. Deve ser feito com amor, de forma que o casal se sinta satisfeito e realizado (1º Co 13.4).

3. O pastoreio cristão e a prática homossexual. Mesmo reprovando o comportamento homossexual, por ser incompatível com os valores cristãos, a igreja não deve, de forma alguma, deixar de enxergar a pessoa do homossexual como alguém que foi feito a imagem e semelhança de Deus (Gn 1.26), e que, portanto, também por Ele é amado (Jo 3.16). Mesmo que tenha sido desviada pelo pecado, contudo, nenhum homem ou mulher deixou de ser a imagem de Deus e como tal devem ser vistos e respeitados como pessoas. A igreja, portanto, não deve rejeitar o homossexual como não deve rejeitar as demais pessoas que agem de forma contrária aos valores cristãos. Todavia, por acreditar que a homossexualidade deve ser vista como comportamento adquirido e que, como prática se afasta daquilo que precedeu a Bíblia sobre a correta expressão da sexualidade, ensina e ordena o abandono e a abstinência da prática por parte daqueles que se converteram à fé cristã. A igreja crê e defende que qualquer forma de expressão

sexual fora do casamento ou praticada por pessoas do mesmo sexo é mostrada nas Escrituras como pecaminosa. Por outro lado, acredita que o Evangelho é poderoso para transformar todo o que creu em Jesus como Salvador e isso inclui os homossexuais.

SINOPSE III

Segundo o padrão bíblico, o sexo atende a necessidade da procriação e da satisfação do casal.

CONCLUSÃO

Nesta lição aprendemos sobre três dos principais desvios do modelo de sexualidade bíblica – a fornicação, o adultério e a homossexualidade. Essas três práticas pecaminosas têm ganhado cada vez mais espaço na sociedade nas últimas décadas. Muitos crentes têm negligenciado o ensino bíblico e também se rendido a essas sutilezas pecaminosas. Qualquer prática sexual fora do modelo bíblico traz consequências morais e espirituais. Deus quer que vivamos o sexo no padrão por Ele estabelecido, o que de fato vai nos fazer realizados e plênificados.

REVISANDO O CONTEÚDO

1. A partir de que ano o movimento de contestação da moral cristã ganha mais visibilidade? 1961.
2. Qual é o sentido mais amplo da palavra grega *porneia*? Significa qualquer tipo de ato sexual considerada pecaminosa, incluindo adultério, prostituição, impureza e fornicação.
3. Cite pelo menos uma base bíblica que reprovava o adultério. Quando o rei Davi adulterou com Bate-seba, o profeta Natã, a mando de Deus, condenou de forma dura seu ato pecaminoso (2 Sm 11.3-5; 12.9,10).
4. Como o cristão compreende a homossexualidade? Os cristãos conservadores, que têm na Bíblia sua única regra de fé, compreendem a homossexualidade como um comportamento adquirido e não como um determinismo biológico.
5. Qual a maneira que o Criador deixou para guardar o casal contra as suas mais diferentes formas de impureza? A maneira que o criador deixou para guardar o casal contra suas mais diferentes formas de impureza, como a fornicação e o adultério, foi o sexo praticado dentro da esfera do casamento.

VOCABULÁRIO

Paradigma: Um exemplo que serve como modelo, padrão.
Permeante: Que exige solução rápida, urgente.
Sobejans: Sobram, excedem os limites da necessidade ou do precho, demais.

Para um dos pastores entrevistados, o livro do professor é um apoio importante nas aulas, porque a maioria dos formadores não têm conhecimento teológico. A obra resumida e em tom escolar, é assim, estereotipada para uma pregação de cunho moral.

Algumas das AD são inabaláveis. Uma delas é a defesa de que o texto bíblico é inerrante. A infalibilidade bíblica seria reveladora de uma moral específica que é a vontade de Deus para a humanidade. A interpretação bíblica proposta por Gonçalves, em consonância com a doutrina da AD, é literalista, desconsiderando pano de fundo histórico e as condições sociológicas do momento em que a Bíblia foi escrita – no caso do Antigo Testamento, cerca de 3 mil anos atrás. Um dos pastores entrevistados fala em “literalidade seletiva”: condena-se a homossexualidade, mas não se diz palavra sobre a repartição dos bens com os pobres (exceto na lição “contra a prática da mordomia cristã”, que advoga fortemente em favor do dízimo). O material não contempla a denúncia do machismo e da misoginia como pecados. Um dos entrevistados destaca: “Muitas passagens da Bíblia – livro escrito em um tempo em que o patriarcalismo era muito forte, tem textos bíblicos que ensinam a mulher a ser muito forte”.

Quanto à ligação do livro com o momento político, os entrevistados são unânimes em enxergar homologia com o período eleitoral. Para um dos pastores autodeclarado progressista e não assembleísta, a escolha é “obviamente oportunista, e vem a calhar tanto com a postura de reacionarismo conservadora eleitoral quanto com o reacionarismo

teológico interno. A EBD pode ter influência grande no voto (...) A AD sempre foi uma igreja muito moralista, e de um moralismo patriarcal, hipócrita, demagogo.”

A ressalva é que as pressões internas da igreja não têm necessariamente a ver com o momento eleitoral, mas com “um grande segmento da AD que se opõe ao que chamam de liberalismo e relativismo”. Nesse sentido, a ideia é de que “o recrudescimento do moralismo é que vai salvar a igreja e salvar o Brasil – não a justiça social, a distribuição de renda, o progresso do país ou mudanças culturais, mas o reforço moralista (...). Quanto mais santificado estiver o Povo de Deus, quanto mais pureza, essa coisa farisaica de viver dentro de uma norma, aí Deus abençoa. Não é necessariamente política, mas teologia.” Num certo sentido, o próprio Gonçalves corrobora o entendimento literalista: “As Assembleias de Deus, portanto, não têm nenhuma obrigação de dar explicações ou pedir desculpas para quem não conhece seu código doutrinário e que ainda está à procura de uma identidade teológica” (GOLÇALVES, 2022, p. 8).

É esperado que avanços civilizatórios dos direitos da mulher e da comunidade LGBTQIA+ sejam vistos como ameaças. veem isso como ameaça para a igreja e para o brasil. na cabeça deles, é uma reforma moral que vai abrir os portais da benção de deus sobre percepção teológica de que o mundo será melhor casa reforcem o moralismo. Embora referências ao “marxismo cultural” ou à “ideologia de gênero” sejam expressões novas, um dos pastores entrevistados afirma que a lógica do “nós contra eles” – o mundo que “jaz no maligno” tentando fazer decair a igreja – já aparecia em obras apologéticas nos Estados Unidos desde a década de 1930.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A leitura de Os Ataques Contra a Igreja de Cristo revelam uma obra dicotomizada no “nós” (Igreja) contra “eles” (o mundo pós-moderno). Com uma linguagem bélica e uma atmosfera de ataque constante, pretende-se incutir nos fieis a percepção de que “Satanás” está à espreita e que é preciso vigilância e fé. Nesse contexto, uma leitura literalista e seletiva do texto bíblico apresenta as “imoralidades” do sexo – adultério, formicação e, sobretudo, homossexualidade – como ameaças a serem combatidas. Considerando a igreja como uma importante instância nos processos de socialização contemporânea (SETTON, 2005), não é decabido pensar que tais visões, retrógradas e

preconceituosas, possam ter influência na construção de formas de ser, agir e pensar dos assembleianos. Em especial, a utilização do livro e de seu manual escolarizado (livro do professor) em período consonante com a campanha eleitoral suscita a hipótese de que discursos reacionários, como os do presidente Jair Bolsonaro, possam ser forlaticados.

REFERÊNCIAS

BALLOUSIER, A.V; OLIVEIRA, R; PESCARINI, F. Bolsonaro evoca 'guerra do bem contra o mal' em discurso na Marcha para Jesus. Folha de S. Paulo, 9 de jul de 2022.

URL: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2022/07/bolsonaro-evoca-guerra-do-bem-contra-o-mal-em-discurso-na-marcha-para-jesus.shtml>. Acesso em: 2 de agosto de 2022.

GONÇALVES, J. Os ataques contra a Igreja de Cristo - as sutilezas de Satanás nestes dias que antecedem a volta de Jesus Cristo. Rio de Janeiro: CPAD, 2022.

SEM AUTOR. Lições bíblicas - professor. Rio de Janeiro: CPAD, 2022.

SETTON, M. D. G. J. A Particularidade do Processo de Socialização Contemporâneo. **Tempo Social**, 17, n. 2, p. 335-350, 2005.